

## Resenha

**Roberto Mangabeira Unger.** *A segunda via: presente e futuro do Brasil.* São Paulo: Bomtempo, 2001. 255 páginas.

*Ivanaldo Oliveira dos Santos\**

Roberto Mangabeira Unger é professor da Universidade de Harvard, nos EUA. É considerado, por muitos especialistas, um dos mais respeitados filósofos políticos da sociedade contemporânea. Ele tem, ao longo de sua vida acadêmica, procurado desenvolver um pensamento filosófico-político que tenha como principal expoente a periferia do mundo, ou seja, os países que não compõem o círculo do mundo desenvolvido. Para tanto, procura apreender a dinâmica cultural e as várias formas de organização social que foram e são construídas no chamado: terceiro mundo, especialmente em países como o Brasil, Índia, China, Rússia - após o fim do comunismo - e a Indonésia, pois neles o potencial para a experimentação, enquanto ferramenta da construção filosófica, institucional e teórica não entrou em processo de esmorecimento e apatia frente aos novos desafios do mundo atual. Este esmorecimento do pensar filosófico, segundo Unger, é encontrado nos EUA e, principalmente, na Europa, nos países desenvolvidos desse continente, pois os governos e a própria população desses países abandonaram a via da construção de novas experiências filosóficas e de renovação da realidade. Este posicionamento se deve ao fato do chamado "primeiro mundo" ter feito a opção em manter o resto do planeta numa torrente de consumo desenfreado sem o aperfeiçoamento da democracia e, por conseguinte, das conquistas sociais que dela emanam.

No seu mais novo livro: *A segunda via: presente e futuro do Brasil* - o qual é uma coletânea de artigos publicados ao longo do período de 1979 a 2000 sobre a vida política e filosófica brasileira com seus entraves e possibilidades concretas de construção de um novo projeto de desenvolvimento para o país - Unger faz uma exegese e também um exorcismo das correntes que regeram e regem tanto a vida acadêmica como também as diretrizes e ações dos governantes, das oposições, grupos de intelectuais, sindicalistas, religiosos e outros. Essas correntes

---

\* Licenciado e Especialista em Filosofia, mestrando em Ciências Sociais pela UFRN, e bolsista CAPES. E-mail: ivanaldosantos@zipmail.com.br

são a doutrina escolástica que é ensinada principalmente nos cursos de direito, o keynesianismo despolitizado que os pensadores norte-americanos articularam no pós-guerra e exportaram para países como, por exemplo, o Brasil, o positivismo que vislumbra, como uma profecia, o triunfo da ciência sem perceber os perigos efetivados em seu interior, o marxismo revolucionário que já não tem propostas para resolver os problemas econômico-culturais do homem e caiu num saudosismo com relação ao triunfo da revolução de Outubro de 1917 na Rússia.

A tese do livro é a de que o Brasil, atualmente, é um dos países chamados e com perfeitas condições de reconciliar o ideal pagão da grandeza com o ideal cristão do amor, pois "não pode haver ambição, pessoal ou política, maior do que essa. Trata-se da relação entre os dois problemas centrais da existência" (p. 37). Para defender esta tese ele lança mão da *segunda via*, isto é, da proposta do desenvolvimento democratizante a ser conquistado pela renovação das instituições que definem a democracia representativa, a economia de mercado e a sociedade civil livre. Esse desenvolvimento é contraposto às propostas do pensamento da filosofia política clássica, especialmente da social-democracia dos países centrais da Europa, como França e Alemanha, os quais caíram na segunda metade do século XX em um realismo desenganado fruto da falta de renovação tanto do pensamento como das instituições políticas.

Quatro compromissos centrais norteiam a proposta da *segunda via*. O primeiro é a construção de um Estado atuante, enriquecido e capaz, que conte com um alto nível de receita pública e poupança nacional. Sem receita alta, não se resolvem os problemas do país, já que a iniciativa privada é insuficiente para resolvê-los. A consequência disso, é que os cidadãos ficam despojados dos recursos econômicos e culturais, e também das ferramentas para um novo modelo de filosofia, necessárias para torná-los independentes. É, justamente, essa consequência que a segunda via deseja derrotar. O segundo é a capacitação das pessoas, pela garantia efetiva dos mínimos sociais. Distingue-se a proposta da segunda via pela insistência na reorganização das instituições políticas e econômicas. Para Unger, não haverá o social, em condições como as vividas atualmente no Brasil, sem que se aprofunde a democracia e sem que se democratize o mercado financeiro. Para tanto, é necessário se organizar a economia de mercado e a democracia representativa de uma maneira diferente da dos países ricos do Atlântico Norte, encontrando outro modo de ligar o poder público à iniciativa privada e a democracia representativa à democracia direta.

O terceiro é a democratização do mercado. Democratizá-lo não quer dizer apenas regulá-lo nem compensar, por transferência de recursos, seus efeitos desigualizadores. Democratizar o mercado significa reorganizar as instituições, como, por exemplo, o Banco Mundial, que definem o que seja uma economia de mercado. O último é a criação de um regime de partidos políticos fortes. A democratização do mercado tem como contrapartida o aprofundamento do conjunto da democracia. "Não podemos mudar o Brasil", afirma Unger, "dentro de uma democracia sonolenta como aquelas que existem hoje nos países ricos do Atlântico Norte" (p. 16).

Além disso, este livro traz uma série de conexões com outras áreas da filosofia, como a epistemologia, quando se discute, por exemplo, conceitos como: instituição, partido político, Estado, economia, dominação, libertação, marxismo, e social-democracia - e subsidia profundas discussões nas diversas áreas que compõem a ética. Ele foi escrito numa linguagem acessível ao grande público e não apenas aos especialistas em filosofia e possui um estilo literário que rompe com os complicados e matemáticos conceitos que regem os manuais de filosofia política, principalmente os marxistas, escritos no Brasil. Por fim, pode-se afirmar que este livro é recomendável a todas as pessoas que desejem conhecer, detalhadamente, os problemas brasileiros e vislumbrar, dentro da perspectiva filosófica, uma possível solução.